
ESCOLINHA DE AGROECOLOGIA DE NOVA IGUAÇU (RJ): ação pública e sociedade na construção de um território agroecológico na baixada fluminense

NOVA IGUAÇU AGROECOLOGY SCHOOL (RJ): public action and society in the construction of an agroecological territory in the baixada fluminense

Ana Loreta Xenofonte de Pinho Paiva

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Pós-graduação em Desenvolvimento Territorial e Políticas Públicas, Seropédica, RJ, Brasil
ana_loreta@hotmail.com

Cristhiane Oliveira da Graça Amâncio

Embrapa Agrobiologia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial e Políticas Públicas, Seropédica, RJ, Brasil
cristhiane.amancio@embrapa.com.br

Resumo

Esta pesquisa busca compreender como teoria e prática propostas metodologicamente pela Escolinha de Agroecologia de Nova Iguaçu/RJ (EANI), a partir da sinergia entre ação pública e sociedade, contribuem para a estruturação de redes de aprendizagem mútua, para o fortalecimento da reprodução social da agricultura familiar agroecológica do município de Nova Iguaçu/RJ e para a permanência dos sujeitos envolvidos no território. O referencial teórico está fundamentado nas contribuições acerca dos sistemas alimentares, do desenvolvimento rural, da agroecologia, da agricultura urbana e periurbana, do capital social, da capacidade de agência dos atores sociais e do território como espaço de relações, que formam o escopo para a análise dos resultados alcançados. A metodologia foi conduzida como um estudo de caso da experiência da EANI, baseada na aplicação de entrevistas semiestruturadas, utilizando a técnica de amostragem não probabilística da “bola de neve”, seguida da análise de conteúdo proposta por Bardin (1977). Os resultados demonstraram que as relações estabelecidas entre a EANI, as organizações parceiras e os movimentos e associações da agricultura familiar da Baixada Fluminense, estão apoiadas pela ação extensionista da Emater-Rio em parceria com a CPT-Baixada, através de um processo de construção do conhecimento a partir da valorização das experiências vividas pelos próprios beneficiários da EANI na construção de um território agroecológico, desencadeando um processo de catalisação da capacidade de agência dos atores da agricultura familiar e consequentemente induzindo o desenvolvimento local, frente às dificuldades de acesso às políticas públicas, ausência do poder público municipal e pressão urbana exercida sobre as áreas produtivas.

Palavras-chave: Agroecologia. Agricultura Familiar. Território.

Abstract

This research seeks to understand how theory and practice methodologically proposed by the School of Agroecology of Nova Iguaçu/RJ (EANI), from the synergy between public action and society, contribute to the structuring of mutual learning networks, to strengthen the social reproduction of agroecological family farming in the city of Nova Iguaçu/RJ and for the permanence of the subjects involved in the territory. The theoretical framework is based on contributions about food systems, rural development, agroecology, urban and peri-urban agriculture, social capital, the agency capacity of social actors and the territory as a space of relationships, and form the scope for the analysis of the results achieved. The methodology was conducted as a case study of the EANI experience, based on the application of semi-structured interviews, using the non-probabilistic “snowball” sampling technique, followed by the content analysis proposed by Bardin (1977). The results showed that the relationships established between EANI, partner organizations and movements and associations of family farming in the Baixada Fluminense, are supported by the extension action of Emater-Rio in partnership with the CPT-Baixada, through a process of construction of the knowledge from the appreciation of the experiences lived by the EANI beneficiaries themselves in the construction of an agroecological territory, triggering a process of catalyzing the agency capacity of family farming actors and consequently inducing local development, given the difficulties of access to public policies, absence of municipal government and urban pressure exerted on productive areas.

Keywords: Agroecology. Family Farming. Territory.

Introdução

Tomamos o território como base analítica de investigação para compreendermos a construção de um território agroecológico estruturado a partir das práticas sociais da agricultura familiar no município de Nova Iguaçu/RJ. Nesse sentido, esta pesquisa foi fruto de um estudo de caso da Escolinha de Agroecologia de Nova Iguaçu (EANI), como um espaço de formação agroecológica coordenado pelo escritório local da Emater-Rio em parceria com a Comissão Pastoral da Terra (CPT).

A pressão exercida pela expansão dos loteamentos urbanos e o avanço dos processos de urbanização relegaram à atividade agrícola da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro um caráter secundário em relação às agendas de planejamento dos governos municipais. Reflexo dessa realidade é o município de Nova Iguaçu/RJ, que, por interesses e divergências da política local, estabeleceu por muitos anos em seu Plano Diretor (PD) padrões exclusivamente urbanos de uso e ocupação do solo. Essa condição foi alterada a

partir de 2008, após a revisão do PD, resgatando as áreas rurais e garantindo os direitos legais de seus ocupantes (SOUZA, 2013).

A partir desse movimento do governo local e dos esforços empreendidos pelas associações e lideranças de produtores rurais do município, diferentes estratégias voltadas à manutenção das atividades agrícolas, com objetivo de alcançar autonomia na gestão das atividades no território, e minimizar os impactos da expansão urbana sobre áreas agricultáveis, foram iniciadas e são percebidas até hoje (MACHADO, 2010).

O rural e o urbano, dentro das especificidades e heterogeneidades de suas relações, figuraram como objeto de investigação. Para isso, foram considerados os aspectos políticos e normativos e das análises empíricas de cada um. Para Monte-Mór (2006), é cada vez mais difuso e de difícil identificação o ato de definir as fronteiras do que o espaço urbano e do que o espaço rural têm se tornado.

Ainda para o mesmo autor, tanto os adjetivos para cidade quanto para o campo não são mais conceitos puros, de fácil identificação ou delimitação, apesar da autonomia que recentemente ganharam no que diz respeito às relações culturais, socioeconômicas e espaciais entre os processos derivados de cada um (MONTE-MÓR, 2006). Em Nova Iguaçu/RJ, as áreas rurais estão concentradas nas regiões periféricas da cidade, em sua maioria próximas à Reserva Biológica Federal do Tinguá, o que confere a esses espaços características de um processo definido como “urbanização extensiva” (MONTE-MÓR, 2006, p. 8), compreendido como as condições urbano-industriais de produção e reprodução para além das cidades e áreas urbanizadas.

Destas considerações surgem, entre outros aspectos, reflexões a respeito das noções praticadas sobre o desenvolvimento rural, e a partir de qual visão de território é possível realizar essas análises. Nesse contexto, a afirmação da agricultura familiar enquanto categoria política, com ênfase para o seu potencial como modelo social, econômico e produtivo, é um dos fatores que levaram à construção de uma nova percepção sobre o desenvolvimento rural. Adotado nesta pesquisa e compreendido a partir da legitimação desse setor da agricultura, tal fator está ligado à emergência dos movimentos sociais, ambientais e sindicais dos trabalhadores rurais (SCHNEIDER, 2010).

O estabelecimento de outros modelos de sistemas alimentares e novas relações econômicas estabelecidas a partir desses sistemas, conotam ao desenvolvimento rural um

viés mais territorial do que setorial ou temporal. A dinâmica territorial da agricultura está ligada à dimensão territorial do desenvolvimento e parte da ideia central de que o território não é somente a base física para as interações socioculturais entre indivíduos, empresas e organizações locais, e que ele possui um tecido social estruturado por uma relação complexa, formado por ligações dinâmicas e diversificadas do meio rural com as cidades (ABRAMOVAY, 1999; ABRAMOVAY, 2000).

Ao considerar o objeto de estudo desta pesquisa, buscamos compreender a agroecologia a partir da concepção de que esta tem se mostrado como uma alternativa para os produtores rurais, sobretudo em regiões suscetíveis a vulnerabilidades sociais e impactos ambientais, constituindo-se em suas áreas de ocorrência, como um elemento importante para o desenvolvimento rural. Como um “campo social, técnico e político” (SCHMITT; GRISA, 2013, p. 17), a agroecologia articula distintos agentes e saberes, como movimento, prática e ciência.

Ao se opor ao modo de produção agrário imposto pela cadeia alimentar verticalizada, desde as relações de produção e comercialização até as relações sociais, a agroecologia tem ressignificado a identidade de agricultores e agricultoras familiares inseridos em distintas realidades. Em outras palavras, são práticas e valores que unem os diferentes atores envolvidos em uma ou mais redes, criando formas de resistência política e cultural nos seus territórios e em defesa desses territórios.

Na Baixada Fluminense, há um conjunto amplo e diversificado de experiências sociais em agroecologia e, dentro da diversidade que o conceito agrega, essas experiências são identificadas como rurais e urbanas, de produção e de consumo e agrícolas e não agrícolas, como é o caso dos quintais produtivos, onde são cultivadas plantas alimentícias, frutíferas, ornamentais, medicinais e leguminosas, próximo a casa e as famílias. Essas experiências são apoiadas por uma rede de organizações e instituições parceiras para sua reprodução e manutenção (PETERSEN, 2014).

Essas redes resultam no estabelecimento de vínculos constituídos a partir de relações de confiança e reciprocidade. Segundo Freitas et al (2013), este é o elemento fundamental na manutenção dessas interações e oportunidades coletivas a partir dessas organizações. Entretanto, os autores ressaltam que, isoladas, as redes sociais não garantem eficiência nas atividades econômicas e que deste modo é necessário que haja “características que lhe confirmem vantagens competitivas” (FREITAS et al, 2013, p. 180),

tornando o capital social o fator que orientará tanto a atuação dos atores que compõem a rede quanto a sua regulação econômica.

Promover o protagonismo das organizações sociais junto aos movimentos de base da agricultura no território é um importante avanço para a proposição de formatos político-institucionais e para as ações públicas. Neste contexto, faz-se necessário aproximá-las das diferentes realidades sociais com objetivo de favorecer a legitimidade dos próprios agentes da sociedade civil dentro desses processos (GRISA; SCHNEIDER, 2014).

Nesse contexto, a justificativa inicial desta pesquisa refere-se à importância de analisar e compreender as sinergias e potencialidades entre iniciativas de ação pública do Estado para formação e qualificação técnica para o segmento da agricultura familiar, em parceria com organizações da sociedade civil, organizações de agricultores e entidades de ensino e pesquisa. Estas iniciativas, mesmo que aparentam ser pontuais, se analisadas com mais profundidade, podem visibilizar um processo de catalisação da capacidade de agência dos atores da agricultura familiar e conseqüentemente indutora de desenvolvimento.

Desta forma, a análise e compreensão do alcance de experiências como a da Escolinha de Agroecologia de Nova Iguaçu (EANI), desde os aspectos metodológicos até às ações práticas no Rio de Janeiro, podem sugerir oportunidades de construção de políticas públicas de desenvolvimento territorial na baixada fluminense para a valorização da agricultura familiar e de sistemas alimentares localizados.

Outra justificativa importante passa pela dimensão social dos sujeitos envolvidos, ao verificar um empobrecimento da comunidade rural nos municípios que compõem a Baixada Fluminense, devido à ausência de políticas públicas e programas específicos para a melhoria da qualidade de vida dos habitantes e, mais especificamente, dos pequenos produtores. Nesse sentido, alguns estudos no Brasil demonstram que experiências de ação coletiva com base na agroecologia são capazes de fortalecer a identidade social no meio rural, através da permanência de agricultores e agricultoras nos territórios e o estabelecimento de relações de produção e circulação mais justas e solidárias.

Para a construção do objeto de pesquisa, ao lançar mão de uma investigação teórica e da coleta de dados a campo a partir do recorte dos/as agricultores/as da Feira da Roça de Nova Iguaçu, buscamos responder as seguintes questões: 1) uma iniciativa como

a Escolinha de Agroecologia é capaz de promover a autonomia política e produtiva de agricultores e agricultoras familiares na baixada fluminense?; 2) essa iniciativa contribui para suprir a lacuna referente à escassez das políticas públicas efetivas para o escoamento da produção e acesso aos mercados?; 3) quais são as efetivas contribuições para o reconhecimento da agricultura urbana e as relações que a atravessam frente às agendas públicas?; 4) frente a esta realidade, quais seriam as redes de relações que se formaram a partir dessa iniciativa?

Metodologia aplicada

A metodologia deste artigo foi conduzida como um estudo de caso da experiência da Escolinha de Agroecologia de Nova Iguaçu/RJ, no município de Nova Iguaçu/RJ. O método de investigação escolhido está baseado na representação do grupo social formado por agricultores familiares e na complexidade das relações sociais e institucionais entre esses sujeitos e as entidades envolvidas nos processos inerentes ao objeto de análise.

Ao definir um estudo de caso, Triviños (1987) aponta que este é uma categoria da pesquisa qualitativa, onde o objeto é uma unidade de análise que tem por objetivo aprofundar a compreensão sobre determinada realidade, bem como examinar o fenômeno no ambiente natural de ocorrência, a partir de diferentes métodos de investigação para a coleta de dados.

Centrada na compreensão e extensão das dinâmicas das relações sociais e desenvolvida a partir de aspectos que não podem ser quantificados, a pesquisa qualitativa, segundo Minayo (2001), contempla uma gama de significados, valores, hábitos e atitudes que estão correlacionados ao campo das relações, fenômenos e processos da realidade vivida e não podem ser limitados a dados quantificáveis. Ou seja, na pesquisa qualitativa as variáveis são indissociáveis de seus valores e símbolos. Nesse sentido, é através de uma escuta ativa e da observação direta que os saberes locais, o contexto social e a realidade local são os elementos que formam o escopo desta pesquisa.

A capacidade de observação e integração com o grupo pesquisado, flexibilidade e abertura, compõem as características do(a) investigador(a) dentro da pesquisa qualitativa, além de possibilitar a revisão dos objetivos da investigação e promover fatores positivos como a correção dos instrumentos da pesquisa e condições de readaptação (MINAYO,

2000). Portanto, a aproximação com os atores sociais envolvidos para análise dos processos, ou seja, a aproximação dos pesquisadores com as comunidades envolvidas com a pesquisa qualitativa, ocorre no trabalho de campo que, segundo Neto (1994), possibilita a aproximação com o objeto de estudo e também a criação de novos campos de análise, a partir da realidade em questão.

A pesquisa que tratamos aqui foi desenvolvida ao longo dos anos de 2019 e 2021, a partir dos parâmetros do levantamento qualitativo de dados, com a intenção de aproximação da pesquisadora aos objetivos propostos. Inicialmente foi realizada uma revisão bibliográfica especializada, seguida da pesquisa de campo entre agosto de 2020 e fevereiro de 2021, para analisar a construção de um território agroecológico na Baixada Fluminense.

Para a aplicação das entrevistas, optou-se pela utilização da técnica de amostragem não probabilística, utilizada nas ciências sociais, chamada de “Snowball” ou, como é conhecida no Brasil, “bola de neve”, ou ainda, segundo Penrod et al (2003), “cadeia de informantes”. Essa técnica de amostragem utiliza cadeias de referência, e prevê que os participantes iniciais da pesquisa indiquem novos participantes e assim sucessivamente, até que seja alcançado o “ponto de saturação”, ou seja, o objetivo proposto. Esse “ponto de saturação” é atingido quando novas pessoas passam a ser entrevistadas e inicia-se a repetição dos conteúdos já obtidos em entrevistas anteriores, não havendo a adição de novas informações (WHA, 1994).

Participaram da pesquisa 2 (dois) técnicos Engenheiros Agrônomos da Emater-Rio e uma técnica Engenheira Agrônoma da Emater-Rio, 2 (duas) agentes da CPT, 1 (um) técnico da AS PTA Agricultura Familiar e Agroecologia e 6 (seis) agricultores e agricultoras da Feira da Roça de Nova Iguaçu egressos da EANI.

Uma técnica da Emater-Rio, escritório local de Nova Iguaçu, foi selecionada como pessoa-chave para o início das entrevistas e foi solicitada a indicar outro técnico da mesma empresa e um agricultor ou agricultora egresso da EANI e atuante da Feira da Roça de Nova Iguaçu; por sua vez, estes também foram solicitados a indicarem outras pessoas e assim por diante. Uma vez identificados, esses sujeitos foram contatados para apresentação e esclarecimentos quanto à pesquisa e seus objetivos, e convidados a participar das entrevistas semiestruturadas, elaboradas a partir das contribuições das pessoas-chave, considerando os níveis de envolvimento dos sujeitos entrevistados com o

objeto de estudo e a reflexão sobre as impressões comuns ao meio social no qual estão inseridos.

As entrevistas com os agricultores e agricultoras egressos da EANI foram realizadas na Feira da Roça de Nova Iguaçu (RJ) e, com os técnicos da Emater-Rio, AS PTA e integrantes da CPT, em seus locais de trabalho ou remotamente utilizando uma plataforma de videoconferência. Com o intuito de resguardar a identidade dos entrevistados, quando da transcrição das entrevistas, assim como no ato da interpretação dos dados fornecidos, os nomes dos participantes foram omitidos e serão identificados aqui como trabalhadores rurais, técnicos e agentes da CPT, seguidos de um número de identificação.

As entrevistas aplicadas foram interpretadas mediante a análise de conteúdo priorística e categorização dos dados. Para Campos (2004), a escolha pela categorização priorística emerge da relação direta da leitura frente à fala dos sujeitos da pesquisa, alinhada aos objetivos e a partir de um exercício constante de revisão do material em análise. As evidências contidas nas narrativas são, portanto, o ponto de partida para a estruturação das categorias de análise.

A esses resultados foram aplicados os critérios de organização propostos por Bardin (1997) para análise de conteúdo que consiste na pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Segundo Vergara (2005, p. 15), a análise de conteúdo “é considerada uma técnica para o tratamento de dados que visa identificar o que está sendo dito a respeito de determinado tema”.

Para Minayo (2001), o emprego desse conjunto de técnicas constitui-se na análise de informações que possibilitam uma aplicação variada, tanto em pesquisas qualitativas quanto quantitativas, a partir de duas funções principais: a verificação de hipóteses e/ou a descoberta dos conteúdos manifestos (MINAYO, 2011).

Desse modo, a narrativa dos agricultores e o depoimento dos técnicos e articuladores envolvidos com a iniciativa da Escolinha de Agroecologia de Nova Iguaçu formaram o escopo da análise dos dados coletados, através da aplicação das entrevistas. Esses dados foram analisados conforme o proposto por Bardin (1977), a partir da categorização e da interpretação dos mesmos baseada na observação.

Após a primeira etapa de seleção do material coletado e leitura flutuante do mesmo, foi realizada a codificação para construção das categorias, através da frequência da

ocorrência de fatos relatados nas entrevistas, conectados ao referencial teórico e aos objetivos propostos.

Os sujeitos entrevistados tem idades que variam entre 40 a 61 anos, estando os agricultores e agricultoras familiares na faixa entre os 50 e 61 anos e os técnicos extensionistas e integrantes da CPT na faixa entre os 40 e 60 anos. Todos os 6 agricultores e agricultoras entrevistados são feirantes da AFERNI e mantém as suas unidades produtivas dentro do município do Nova Iguaçu (RJ); dentre eles, 3 residem em outros municípios vizinhos, sendo originários dessa mesma região ou migrantes de outros estados. Participaram da Escolinha entre 2008 e 2018 e a entrada na FRNI se deu em anos distintos, entre 2000 e 2009.

Buscando uma melhor visualização dos dados obtidos junto aos entrevistados, e para efeitos de análise das informações coletadas, a definição das URs e UCs criam o escopo para as categorias de análise. Estas, por sua vez, representam a síntese dos significados encontrados no decorrer da análise, dando respaldo às interpretações dos dados. Ao aplicar a análise priorística de análise de conteúdo, foi conduzida a escolha de quatro categorias de análise a partir das narrativas dos entrevistados, apresentadas na tabela 1 a seguir.

Tabela 1: Tabela de Categorias de Análise Priorística de Conteúdo

UNIDADES DE REGISTRO (UR)	UNIDADES DE CONTEXTO (UC)	CATEGORIA
Fortalecimento das relações sociais e trocas de experiências; Relação produtor-consumidor e sistemas alimentares.	Redes informais, baseadas em laços de reciprocidade e/ou relações de interesse.	Redes de Organização Sociais (ROS)
Exercício da atividade agrícola e permanência no território.	Mobilizações em defesa da agricultura rural.	Estratégias de Reprodução Social (ERS)
Valorização das experiências vividas pela agricultura familiar; Parcerias e troca de saberes.	Autonomia, comunicação e construção do conhecimento.	Ação Extensionista (AE)
Agroecologia como afirmação da identidade produtiva e mobilizações sociais.	Espaço de formação e resistência.	Dimensões da Agroecologia (DA)

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Feira da roça de Nova Iguaçu: aspectos de um espaço de comercialização.

O início das atividades da EANI no município de Nova Iguaçu estimulou o estabelecimento de iniciativas voltadas à autonomia produtiva e de comercialização para a agricultura local. Uma delas é a Feira da Roça de Nova Iguaçu, que surgiu em um contexto político importante para o município, onde as questões de comercialização dos assentamentos da região começaram a ser debatidas internamente pelos agentes da CPT-Baixada, e coincidiam com o período de regularização fundiária do assentamento rural de Marapicu.

Sendo assim, com o objetivo de subsidiar um segmento da agricultura do município carente de espaço de comercialização, com o apoio da Emater-Rio e da CPT, o projeto de conquistar um local para comercialização dos produtos provenientes da agricultura local surgiu em 2004, inicialmente com o nome de Mercado do Produtor Rural, instalado em um galpão cedido pela prefeitura de Nova Iguaçu, mas que não possibilitava a visibilidade suficiente para um alcance mais amplo da atividade.

Entre um período de paralisação e retomada das atividades, em setembro de 2006, a prefeitura municipal realocou os/as agricultores/as para a Praça Rui Barbosa, no centro de Nova Iguaçu, definido como o local da Feira e onde ela se mantém até hoje. Vale ressaltar que esse feito foi alcançado graças à intensa mobilização por parte dos agricultores locais junto ao Conselho de Políticas Públicas.

Em 2011, por meio de dois projetos destinados a fomentar a formação de agricultores, viabilizar aspectos estruturais e dinamizar a comunicação/identidade visual e de ATER, um deles com recursos do Ministério do Desenvolvimento Social e do Combate à Fome (MDS), executado pela Emater-Rio, e outro com recursos da Petrobras, executado pela AS PTA Agricultura Familiar e Agroecologia, agricultores e artesãos foram incentivados a permanecer e manter as suas atividades, ampliando a divulgação e dando mais visibilidade às atividades da Feira, como pode ser visto nas Figuras 3 e 4.

A partir dessas ações, foram adquiridas para a feira de Nova Iguaçu barracas, balanças eletrônicas e um caminhão de quatro toneladas para transporte da produção, além da realização de cursos de gestão de empreendimentos econômicos e solidários e de formação em Agroecologia. Outro fator importante foram os serviços prestados para a criação da identidade visual da associação de feirantes, intitulada Associação da Feira da Roça de Nova Iguaçu (AFERNI) (STRAUCH et al, 2012).

Hoje, a Feira, além de contar com personalidade jurídica para representar o grupo de agricultores, conta também com o Fórum de Cooperativismo Popular de Nova Iguaçu, a Emater e a Prefeitura do município atuam na montagem e transporte das barracas da feira. A iniciativa, que tem a participação do movimento da economia solidária, possui aproximadamente 40 famílias agricultoras participantes, provenientes dos bairros vizinhos de Marapicu, Campo Alegre, Fazenda São Bernardino, Jaceruba, Geneciano.

A mobilização dos agricultores em coletivos organizados é fundamental para que estejam articulados para a inserção no mercado, num contexto em que haja um espaço de construção coletiva e tomadas de decisões principalmente dentro da proposta de produção agroecológica. A comercialização via circuitos curtos é uma estratégia importante nesse processo. A construção social de mercados locais, além do objetivo principal de geração de trabalho e renda para os agricultores, cumpre também o papel de dar visibilidade à agricultura do município em que está inserido (LANÇA, 2013).

As feiras surgem nesse contexto como um ótimo espaço para fortalecer essas relações e desempenham um papel de valorização da agricultura local e de localidades próximas, de fortalecimento da identidade camponesa e de um importante canal de comercialização. Ao aproximar produtores e consumidores, a venda de produtos em mercados locais diminui os custos de deslocamento da propriedade aos pontos de venda e conseqüentemente diminui os custos de produção. Esta aproximação, além de eliminar intermediários e atravessadores, cumpre o importante papel de legitimar a atividade agrícola do município (OLIVEIRA, 2016).

Lança (2013), afirma que as feiras acabam por gerar um espaço que está para além da socialização e de um movimento de resgate cultural. Elas se tornam um ambiente de ação pública e geram locais de encontro e articulação política e de reprodução de identidades. Na Baixada Fluminense, o exemplo mais antigo de organização de um grupo de agricultores familiares da região metropolitana do Rio de Janeiro é a Feira da Roça de Nova Iguaçu (STRAUCH et al, 2012).

As evidências empíricas relatadas pelos técnicos da Emater-Rio e parceiros da EANI, quanto ao quantitativo de alunos e egressos da Escolinha que participam das Feiras da Roça, descrevem a inserção de muitos agricultores nesses canais de comercialização. Esse fato possibilita a compreensão e análise da relação entre as Feiras e a EANI, partindo dos objetivos primários de ambas até à dinâmica nos dias atuais.

Essa relação pode ser identificada principalmente nos aspectos referentes aos critérios e condições necessárias à participação na Feira da Roça de Nova Iguaçu, que tem como objetivo central ser um espaço de comercialização para viabilizar e visibilizar uma produção livre de agrotóxicos na região da Baixada Fluminense. Desse modo, estabeleceu-se uma relação direta com a EANI, a partir da demanda pela formação agroecológica e da proposta geral da Feira.

Considerações finais

Baseada no estudo de caso da experiência da Escolinha de Agroecologia de Nova Iguaçu (EANI), esta pesquisa se propôs a analisar a construção de um território agroecológico na Baixada Fluminense do Rio de Janeiro, a partir da sinergia entre as ações públicas e a sociedade civil. Para tanto, a análise de conteúdo, baseada nas proposições de Bardin (1977), subsidiaram a formulação das quatro categorias de análise da seguinte forma: 1) Redes de Organização Sociais (ROS); 2) Estratégias de Reprodução Social (ERS); 3) Ação Extensionista (AE); 4) Dimensões da Agroecologia (DA).

Partindo da atuação da Emater-Rio em articulação com a CPT Baixada e demais membros de uma rede de atores agroecológicos, foi possível observar a afirmação da identidade produtiva dos alunos e alunas egressos do curso, a partir das implicações teóricas e práticas dessa experiência para a construção de um território agroecológico.

Verificamos que os instrumentos metodológicos aplicados na construção do conhecimento agroecológico, baseados em parcerias com as instituições e organizações que atuam efetivamente para o planejamento e execução das ações teóricas e práticas e na troca de vivências entre os alunos e alunas, formam um processo dialógico entre técnicos e beneficiários. Assim, há a estruturação de uma ação extensionista que promove a autonomia política e produtiva de agricultores e agricultoras familiares envolvidos.

A valorização do conhecimento camponês e a atenção às demandas do segmento da agricultura familiar local, partindo de ações verdadeiramente participativas durante o processo formativo, contam ainda com a contribuição dessas parcerias para a articulação dos vínculos entre alunos e egressos, assim como com outros atores locais e com o financiamento e execução de projetos voltados ao fortalecimento da EANI e da Feira da Roça de Nova Iguaçu.

Esses projetos, oriundos de recursos públicos, promoveram mudanças positivas, tanto estruturais quanto instrumentais, mesmo após o fim da sua execução, e mostram o potencial dessas ações para experiências coletivas com base na agroecologia, como, por exemplo, a renovação das barracas e uniformes da Feira da Roça, além do fortalecimento das relações da AFERNI.

As ações desses projetos preencheram lacunas referentes à atuação do governo municipal de Nova Iguaçu, que, segundo os relatos coletados, não tem apoiado e tão pouco promovido ações que viabilizem estratégias para manutenção do espaço rural e suas respectivas dinâmicas sociais, produtivas e econômicas. Entretanto, apesar do impacto positivo das ações dos projetos, foi constatado que promover a continuidade e manutenção dos objetivos alcançados é uma demanda atual, havendo a carência de execução de novas propostas.

A mobilização a favor da prática agroecológica e da comercialização se tornou uma alternativa de enfrentamento à escassez de ações efetivas ao fortalecimento da agricultura familiar, além da pressão sofrida pela urbanização sobre as áreas produtivas. Narrativas apresentadas descreveram a construção de laços de reciprocidade e de relações solidárias de ação coletiva no estabelecimento de redes de organizações sociais, empreendidas pelos próprios agricultores e agricultoras egressos da EANI, a partir do estímulo gerado pelo curso.

A partir de um contexto de valorização da agricultura local e de luta pela terra na Baixada Fluminense, se estabeleceu uma relação correspondente da atuação da EANI com a Feira da Roça de Nova Iguaçu, como um espaço de comercialização de produtos da agricultura familiar local baseado nos princípios de produção socialmente e ecologicamente mais justos e solidários. Nesse aspecto, foi identificada uma adesão muito forte dos feirantes ao curso da EANI e a relação inversa também pode ser percebida, no sentido de que a partir da participação na EANI, ou através da mobilização de articuladores dentro de suas comunidades, alguns trabalhadores e trabalhadoras rurais tomaram conhecimento das atividades da Feira.

No estabelecimento desse fluxo, a partir das práticas agroecológicas, está a manutenção das próprias condições de existência da agricultura local e a permanência do segmento da agricultura familiar no território. Além disso, o fortalecimento da Feira da Roça de Nova Iguaçu, apoiado pelas ações da EANI, ampliou a oferta e o consumo de

alimentos diversificados e saudáveis em função do papel da agroecologia em suas múltiplas dimensões sociais, econômicas, socioculturais e ecológicas.

Como resposta, há um processo de fortalecimento da capacidade de agência dos atores envolvidos, associado às potencialidades da agricultura familiar para a consolidação de um sistema alimentar mais justo, saudável e resiliente, favorecendo a aproximação entre produção e consumo e a participação coletiva na gestão desse sistema. Isso ocorre tanto pelas ações da EANI quanto pelas mobilizações das redes sociais, atuando na construção de condições qualitativamente melhores do que aquelas enfrentadas na realidade da agricultura local do município de Nova Iguaçu. Nesse contexto, esta pesquisa estimula que novos estudos sejam empreendidos para analisar as relações endógenas dessas redes e o estabelecimento de um sistema alimentar a partir da experiência da EANI e da Feira da Roça de Nova Iguaçu.

As relações sinérgicas constituídas entre a EANI, as organizações parceiras e movimentos e organizações de agricultores familiares, sob a perspectiva agroecológica para a formação e qualificação técnica desse segmento, são indutoras dos ativos da construção de um território agroecológico na Baixada Fluminense, e, nesse sentido, estão apoiadas em ações extensionistas que partem das premissas ambientais e sociais nas relações de produção no meio rural.

Destaca-se ainda, como sugestão para futuras investigações, as dinâmicas territoriais impressas pela agricultura familiar agroecológica do município de Nova Iguaçu, que, ao cumprirem uma importante função ambiental de amortecer os avanços da urbanização sobre as unidades produtivas localizadas no entorno de APAs, protegem remanescentes de vegetação nativa, mantém os serviços ecossistêmicos e promovem a conservação da biodiversidade local, configurando-se como importantes áreas de estudo sobre paisagens produtivas e produção agrícola regenerativa.

As limitações identificadas dessa experiência, de coordenação de um espaço de formação agroecológica, estão associadas principalmente ao que os técnicos entrevistados consideram como uma baixa adesão do chamado “agricultor clássico”. Isso porque, além das dificuldades de acesso ao curso referente às distâncias percorridas e aspectos financeiros para o deslocamento, muitos desses agricultores atendem a uma lógica de produção para suprir a demanda de mercados verticalizados e não conseguem se adaptar à dinâmica proposta pela EANI, ainda que se mostrem interessados. Nesse sentido, a

mudança do formato do curso anual para um curso oferecido em módulos foi uma estratégia criada para tentar alcançar esse objetivo.

Associada a isso, outra limitação identificada refere-se à escassez de recursos financeiros e estruturais para viabilizar a execução das atividades, o que exige um empenho muito grande do escritório da Emater em Nova Iguaçu na relação com os parceiros para a manutenção e continuidade da EANI. A difusão dessa experiência e a sua incorporação à agenda de planejamento da Emater-Rio, sob um olhar da prática de ATER, pode trazer bons resultados a nível local e regional.

A partir dos resultados alcançados pela EANI, recomenda-se que outras iniciativas semelhantes de ação pública do Estado sejam potencializadas e de fato implementadas em parceria com instituições de ensino e pesquisa e da sociedade civil, com o objetivo de desenvolver novos espaços de formação agroecológica, motivados pela ampliação da participação de agricultores e agricultoras familiares.

Por fim, conclui-se que os limites de um território agroecológico na Baixada Fluminense são desenhados pelo contorno de um esforço empreendido através dos anos e envolve uma grande diversidade de atores. É um território de resistência, de múltiplas vivências e experimentações. É um território que percorre os caminhos da agroecologia e suas dimensões, alinhando o conhecimento científico e popular. É, portanto, um território de vida. De muitas vidas que lutam pela manutenção das condições de existência de uma agricultura familiar rural e camponesa.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, E. M. de. **Avaliação da técnica de amostragem “Respondent-driven Sampling” na estimação de prevalências de Doenças Transmissíveis em populações organizadas em redes complexas**. Dissertação (Mestrado) Escola Nacional de Saúde Pública SérgioArouca – ENSP, Rio de Janeiro: Ministério da Saúde – Fiocruz, 2009. 99p.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

FREITAS, A. F; FREITAS, A. F. Interações entre organizações coletivas na promoção do desenvolvimento local. **INTERAÇÕES**, Campo Grande, v. 14, n. 2, p. 177-188, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://www.interacoes.ucdb.br/interacoes/article/view/201>. Acesso em 10 de janeiro de 2021.

GRISA, C; SCHNEIDER, S. **Três Gerações de Políticas Públicas para a Agricultura Familiar e Formas de Interação entre Sociedade e Estado no Brasil**. Piracicaba-SP, Vol. 52, Supl. 1, p. S125-S146, 2014. Disponível em:
https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20032014000600007. Acesso em: 08 de janeiro de 2021.

LANÇA, V. S. **Desafios para Políticas de Apoio à Agricultura Familiar em Área Periurbana: o caso da cooperativa UNIVERDE – Nova Iguaçu/RJ**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013. 158 p.

MACHADO, F. da S. **A dinâmica da agricultura periurbana no município de Nova Iguaçu-RJ**. Revista do Departamento de Geografia da PUC-Rio, ano 3, n.5. Rio de Janeiro: GEOPUC, 2010. Disponível em: <<http://geopuc.geo.puc-rio.br/media/Artigo2ano3n1.pdf>> Acesso em: 15 de maio de 2020.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria. C. S (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p.09-29.

MONTE-MÓR, R. L. **As teorias urbanas e o planejamento urbano no Brasil**. In: DINIZ, C.C.; CROCO, M. A. (Eds.). *Economia Regional e Urbana: contribuições teóricas recentes*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006b. p. 61-85.

NETO, O. C. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M. C. (Org.) **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 22^a. Ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.

PENROD, J.; PRESTON, D.B., CAIN, R. & STARKS, M.T. A discussion of chain referral as a method of sampling hard-to-reach populations. **Journal of Transcultural nursing**, vol 4. n°2. April, 2003. 100-107p.

PETERSEN, P. **Caminhos agroecológicos do Rio de Janeiro: caderno de experiências agroecológicas**. 1 ed. Rio de Janeiro, 2014. 249p.

ROSA, M. C. **Um espaço de formação na Baixada Fluminense: a escolinha de agroecologia de Nova Iguaçu**. Caminhos agroecológicos do Rio de Janeiro: caderno de experiências agroecológicas. 1.ed. Rio de Janeiro, 2014. p. 102-109.

SOUZA, E. G. de. **A cidade no campo e o campo na cidade: contribuição para o estudo da organização espacial e política das zonas rurais do município de Nova Iguaçu**. Trabalho de conclusão de curso – Curso de Especialização em Planejamento e Uso do Solo Urbano e Regional. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013. 65p.

STRAUCH, G. de F. E; MENDONÇA, M. M; ROSA, M. C. Feiras da Roça: desvelando a agricultura familiar da região metropolitana do Rio de Janeiro. **Revista Agriculturas**. V. 9, n. 2. set.2012, p. 29-34.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987

WHA - World Health Association. **Division of Mental Health: Qualitative Research for Health Programs**. Geneva/NY. 1994.

Recebido em 19/06/2021. Aceito para publicação em 13/10/2021.
